

Intervenção com o adolescente em risco (*)

MÁRIO SANTOS HORTA (**)

CONTEXTUALIZAÇÃO

A presente comunicação visa ilustrar e fundamentar teoricamente a intervenção que a Prevenção Rodoviária Portuguesa realiza com adolescentes candidatos a condutores de ciclomotores.

O projecto, da responsabilidade do Departamento de Formação da Prevenção Rodoviária Portuguesa em colaboração com o Departamento de Psicologia, foi iniciado em 1999 e formou até Setembro de 2003 cerca de 5500 adolescentes de 14 e 15 anos, 30% dos quais do sexo feminino. Estes candidatos a uma Licença Especial de Condução de ciclomotores têm, de acordo com a lei, de frequentar um conjunto de aulas teóricas e práticas e realizar os respectivos exames. Mas porque o adolescente «... se exprime sobretudo através da acção e a sociedade julga o acto sem a preocupação compreensiva do fenómeno psíquico que lhe está subjacente» (Matos, 1996) foi pensado dotar o projecto de ferramentas que ultrapassem o estrito quadro legal de exames (o

juízo) e intervir mais directamente na compreensão do psiquismo adolescente.

Em cada curso, o Departamento de Psicologia assegura a realização de uma dinâmica de grupo de duas horas, com não mais de dez alunos, e uma avaliação psicológica que podem, a par das observações do formador (nas aulas teóricas e práticas e mais geralmente na relação que com eles estabelece), levar à realização de uma ou mais entrevistas individuais que procuram aprofundar e contextualizar esses resultados e essas observações em casos onde se levantam interrogações quanto às capacidades do adolescente para gerir eficazmente as tensões inerentes a esta etapa do desenvolvimento e, logicamente, conduzir um ciclomotor em segurança.

A minha comunicação baseia-se na supervisão dos colegas que asseguram este trabalho e que quotidianamente têm de fazer um prognóstico quanto ao “risco” de habilitar um adolescente para a condução de ciclomotores e intitula-se “Intervenção com o Adolescente em Risco” pois desde o primeiro contacto – normalmente na dinâmica de grupo –, à entrevista final, a relação com o adolescente se reveste de preocupações terapêuticas e tem um papel importante na prevenção de comportamentos de risco, e não apenas os associados à condução.

A nossa experiência tem vindo a demonstrar que a reunião das informações destas diversas fontes (comportamentos nas aulas práticas e teóricas, avaliação psicológica, dinâmica de grupo,

(*) Comunicação apresentada nas II Jornadas de Psicologia do Tráfego da Prevenção Rodoviária Portuguesa – “Investigação e Intervenção na Realidade Portuguesa”, ISPA, 17 e 18 de Outubro de 2003.

(**) Psicólogo Clínico, Mestre em Psicopatologia e Psicologia Clínica, Chefe do Departamento de Psicologia da Prevenção Rodoviária Portuguesa.

entrevistas) permite um eficaz despiste de situações de risco.

A AVALIAÇÃO PSICOLÓGICA

As escalas usadas na avaliação psicológica fundamentam-se essencialmente no trabalho de doutoramento de Manuel Matos (1991) que parte da hipótese segundo a qual os acidentes de motorizada nos adolescentes podem não ser devido ao acaso mas a factores de natureza psicopatológica, autodestrutiva, em que ansiedade e depressão – na sua vertente suicidária – contribuem de um ponto de vista intrapsíquico para a ocorrência dos acidentes. Além disso, ciente de que o adolescente não pode ser compreendido independentemente do meio familiar, o autor atribui ao ambiente familiar e relacional uma dimensão inter-psíquica influente no acontecer de acidentes. Nesse estudo, utilizando sujeitos dos quinze aos dezanove anos, o autor encontra um grupo de sujeitos com zero acidentes, coincidindo este facto com ausência de sinais de perturbação psicológica, e um grupo com dois ou mais acidentes que revelam a presença sistemática de perturbações de natureza psicopatológica em vários níveis, nomeadamente, através de valores elevados na escala de risco suicidário (nível intrapsíquico) e um estilo relacional conflituoso associado a hábitos alcoólicos na família (nível inter-psíquico)¹. De modo geral, valores de ansiedade normais são mais frequentes do primeiro grupo e menos frequentes no segundo, muito embora a constelação risco suicidário elevado e ansiedade demasiado baixa possa ser associada a sinistralidade.

Deste modo aplicamos uma escala de ansiedade e uma escala de risco suicidário à qual associamos uma prova projectiva estrutural, a prova Zulliger², escolhida pela sua economia pois é passível de aplicação colectiva em cerca de 15 minutos, que permite um “instantâneo” do fun-

cionamento mental do adolescente bem como o despiste de traços psicopatológicos.

A DINÂMICA DE GRUPO

Embora enquadrada no número de aulas teóricas previstas no programa legal, subordinada ao tema genérico “Factores Internos e Externos que Influenciam a Condução”, a dinâmica de grupo é essencialmente um convite ao adolescente para exprimir/associar percepções, sentimentos, emoções e representações conexas com as expressões genéricas “risco” e “segurança” e tecer o respectivo ensaio elaborativo. Para isso utilizam-se técnicas que encorajam/propiciam essa expressão, algumas de inspiração psicodramáticas. Utilizam-se, entre outras, a fotolinguagem, o retrato chinês, a linha do risco, o jogo do balão, o jogo das cadeiras, o *role-play*, a situação mais arriscada, etc.. Não nos é possível aqui a descrição de cada uma dessas técnicas³, que devem fazer parte do arsenal de cada psicólogo colaborador da PRP, mas apenas insistir na sua utilidade pois possibilitam ao adolescente a expressão/associação de sentimentos e ideias de forma não verbal, por vezes até de forma agida, mas que encontram no grupo e no orientador interlocutores geralmente capazes de descodificar os conteúdos latentes e fornecer símbolos e pensamentos capazes de alimentar os ensaios elaborativos das diversas problemáticas aí expressas.

De notar que não é necessário, por vezes até nem é desejável, centrar a discussão e as actividades na condução propriamente dita. Também não existe propriamente um plano de aula, pois o mais importante é facilitar a expressão individual, o movimento grupal e a promoção do *insight*. É para nós essencial proporcionar ao adolescente uma experiência de liberdade e de treino de capacidades, um espaço de escuta e contenção e não algo acabado e pensado à partida.

¹ Encontra ainda um grupo com um acidente que não é objecto desta comunicação.

² Semelhante ao Rorschach, é constituída por apenas três cartões (aplicação individual) ou imagens que são projectadas (aplicação colectiva).

³ Reenviamos os leitores para os textos de Joana Coelho (“*Instrumentos projectivos na compreensão de comportamentos de risco*”) e Bruno Loureiro (“*O trabalho de prevenção na formação profissional*”), publicados neste número especial de *Análise Psicológica*, que examinam com maior detalhe algumas destas técnicas.

Como se disse, as observações do formador e do psicólogo e os resultados nas provas de avaliação psicológica podem levar, em certos casos, à realização de uma ou mais entrevistas – essencialmente não directivas – que têm duas finalidades principais: procurar uma explicação do comportamento do adolescente através da perspectiva dos dados obtidos no contexto geral de vida do jovem, na sua história e suas características de personalidade e fazer um prognóstico quanto às suas capacidades de gestão dos conflitos internos e externos, ou seja, das suas capacidades relacionais e elaborativas.

Mas para podermos compreender em toda a sua extensão a filosofia de intervenção do Departamento de Psicologia da PRP gostaríamos de fazer uma pequena revisão teórica da adolescência e seus mecanismos defensivos e progressivos essenciais.

ADOLESCÊNCIA, MUDANÇA E REPETIÇÃO

A adolescência é um período de mudanças por excelência e ao adolescente é exigido, tanto interna como externamente, adaptação a essas mudanças.

Os diversos autores que se têm interessado por este período do desenvolvimento são unânimes em falar da necessidade da realização do luto das imagos parentais e da correlativa construção da identidade. Nas palavras de Coimbra de Matos (2002) esse luto «consiste no desinvestimento dos pais como figuras parentais (protectoras e limitantes) e sua desidealização (redução às suas reais dimensões)», sendo um dos mais importantes organizadores da adolescência (Dias Cordeiro, 1975, citado por Coimbra de Matos). A escolha do par amoroso, segundo organizador (Dias Cordeiro, 1975, citado por Coimbra de Matos), representa o outro pólo do movimento adolescente: a realização dos objectivos genitais e exogâmicos.

Amaral Dias (1995), a propósito do problema da sexualidade na descoberta freudiana interroga: «O que será então a sexualidade? Se ela sem dúvida se constitui como o mais nobre dos vínculos adultos e poderosa fonte de mistérios, não será essencialmente no humano o grande gestor da solidão, à qual, como seres irremediavelmente

inteligentes, nos encontramos acorrentados?» O adolescente, que procura ultrapassar «a antiga situação de heteronomia, em que se regia por leis ditadas do exterior (pais) e princípios estranhos à razão (endeusamento dos pais)» (Coimbra de Matos, 2002) não se descobre, então, só?

Neste sentido a percepção que o adolescente tem da sua própria autonomia, da sua separação radical, torna inevitável a tarefa de regulação do seu próprio narcisismo, que de dependente das figuras parentais e seus substitutos (professores, por exemplo) passa a ser assegurado por si próprio e eventualmente também nas relações exogâmicas que estabelece, construindo verdadeiramente uma nova identidade.

Esta fractura narcísica não é exclusiva do processo adolescente. O desenvolvimento humano é caracterizado por sucessivas fracturas, que contêm também o seu contrário: as tendências regressivas, o retorno ao mesmo. Nestes processos de mudança há um rompimento de um equilíbrio psíquico pré-existente gerando-se conflitos relacionados com a capacidade do sujeito assumir a mudança e com o seu meio aceitar as transformações que sobrevêm; a essência da crise de mudança implica um conflito entre a pressão para a mudança e as estruturas psíquicas que, opondo-se a esta, constituem a sua resistência. Pois mudar implica o abandono de identificações e a abertura no *Self* de novos espaços psíquicos para novas internalizações: a par do prazer de mudar encontramos também a dor que a mudança provoca. Segundo Granel (1987) poderá gerar-se uma situação traumática onde o conflito não é representável só restando um caminho: o recurso a defesas motoras primitivas, ao *acting*, à repetição. A génese da contra-mudança é a compulsão à repetição.

O conceito de compulsão à repetição é introduzido por Freud em *Rememoração, Repetição e Perlaboração* (1914). É observado em certos pacientes em processo analítico nos fenómenos de transferência, na actualização do conflito na figura do analista. Freud utiliza neste texto o termo para se referir ao paciente que não tem qualquer recordação do que se esqueceu e recalcou e não faz mais que o traduzir em actos. O facto esquecido não reaparece assim sob a forma de recordação mas sob a forma de acção. O doente repete o acto sem saber que se trata de repetição. E quanto maior a resistência, mais aquela se substituirá à recordação.

É em *Para além do princípio do prazer* (1920) que Freud desenvolve o conceito a partir de duas situações: a neurose traumática e o jogo infantil. Não cabe aqui descrever em pormenor as diversas considerações que Freud desenvolve em torno destas situações, mas observa que o sujeito passa de uma posição passiva, à mercê dos acontecimentos, para assumir um papel activo. E afirma então que existe na vida psíquica uma compulsão à repetição que se coloca para lá do princípio do prazer, observando-a em acção nos sonhos da neurose traumática e no impulso ao jogo da criança.

A repetição, o *acting*, deve ser visto não só como uma resistência mas também como contendo uma virtualidade de mudança; assim, não é apenas um obstáculo à mudança mas contém simultaneamente um germe de movimento progressivo.

Anderson (2000) num texto em que reflecte acerca da avaliação (“*assessing*”) do risco de auto-agressão (“*self-harm*”) em adolescentes mostra bem que no adolescente normal há uma flutuação entre a necessidade de *acting* (baseado no mecanismo de identificação projectiva e em experiências não elaboradas e que tem como destino as figuras parentais) e a capacidade de gestão própria (ser mais independente). A maturação implica um gradual abandono da utilização das figuras parentais e maior gestão “independente”.

A repetição – e em certa medida o *acting* – pode estar então ao serviço da progressão e maturação psíquica, do pensamento e da libertação do objecto, através da criação de símbolos e sua utilização para o pensar, como se observa no jogo infantil (Freud) e em certos comportamentos adolescentes (Anderson), ou do desconhecimento, como se observa no processo analítico ou em certos comportamentos de risco: acidentar-se pode ser uma maneira de tentar resolver os momentos críticos em que é necessário assumir uma situação nova, resolvendo a mudança por uma não-mudança (Granel) e, pode ser um comportamento contra-fóbico ou de índole autodestrutivo (Matos).

CONCLUSÃO

A nossa intervenção tem que ter então em conta que nos encontramos em pleno período de mudança e o nosso posicionamento deverá ser, no essencial, o *acompanhamento* dessa mudança.

A utilização, na dinâmica de grupo, de técnicas activas (eventualmente psicodramáticas), que contêm uma valência *agida* – pólo privilegiado de expressão adolescente –, visa possibilitar a comunicação, a notação e a criação de representações para as experiências adolescentes. Obtemos um afastamento do pólo sensorial, perceptivo, passivo, dos processos de pensamento em benefício do pólo mais mentalizado do julgamento e do teste da realidade. Mas julgar é também fazer o caminho inverso, é «a acção intelectual que decide a escolha da acção motora que põe ao adiamento devido ao pensamento e conduz do pensar ao agir» (Freud, 1925) capacidade indispensável ao adolescente a quem se pede o domínio de uma máquina e a observação de regras.

Partilhamos com Anderson a ideia de que uma compreensão adequada do estado do adolescente tem um efeito tranquilizador, tanto neste como nos que têm a ansiedade e a responsabilidade, particularmente a família. Ou seja, uma boa avaliação pode reduzir o risco. É essencial compreender que uma avaliação seguida de uma ou mais entrevistas é também uma intervenção terapêutica que pode permitir tanto ao adolescente como a quem dele cuida sentir-se mais compreendido e portanto em menor risco.

Nestes dias em que o andar depressa, o não perder tempo, o ter sucesso, o “Compre já! Não deixe para amanhã o que pode ter hoje!”, se erigem como valores (!?), como substitutos bidimensionais da interioridade e do pensamento é importante não deixar o adolescente mais só consigo próprio do que antes, ou seja, assegurar que encontra, *através* do outro, a necessária contenção que o ajude a ultrapassar a etapa final que o guia ao mundo da adultícia e da sua realização criativa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Amaral Dias, C. (1995). A psicanálise e a coisa sexual de Baco a Platão. In (A) *Re-pensar: colectânea psicanalítica*. Porto: Edições Afrontamento.
- Anderson, R. (2000). Assessing the risk of self-harm in adolescents: a psychoanalytical perspective. *Psychoanalytical Psychotherapy*, 14 (1), 9-21.
- Coimbra de Matos, A. (1986). Notas sobre a Adolescência. In *Adolescência: o triunfo do pensamento e a descoberta do amor*. Lisboa: Climepsi Editores, 2002.

- Freud, S. (1914). Remémoration, Repetition et Perlaboration. In *La technique psychanalytique*. Paris: PUF, 1997.
- Freud, S. (1920). Au delà du principe de plaisir. In *Essais de psychanalyse*. Paris: Payot, 1999.
- Freud, S. (1923). Le Moi et le Ça. In *Essais de psychanalyse*. Paris: Payot, 1999.
- Freud, S. (1925). A Negativa. In *Edição Eletrônica Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*.
- Granel, J. A. (1987). *Consideraciones sobre la Capacidad de Cambiar, la colisión de las Identificaciones, y el Accidentars*. (34.º Congreso Internacional de Psicoanálisis, Hamburgo, 1985). Publicado in *La Revista de Psicoanálisis*, 42 (5), 1985, Buenos Aires Argentina; e in *International Review of Psychoanalysis*, 14 (4), London, 1987.
- Matos, M. P. (1991). *Factores de Risco Psicológico em Condutores de Motorizada e sua Influência Relativa na Ocorrência dos Acidentes*. Dissertação de Doutorado em Psicologia Clínica, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa.
- Matos, M. P. (1996). Adolescer e delinquir. *Análise Psicológica*, 14 (1), 23-29.

RESUMO

Descreve-se o trabalho de formação, avaliação psicológica e acompanhamento psicológico de adolescentes de 14 e 15 anos candidatos a uma licença Especial de condução de ciclomotores. Discutem-se a filosofia do programa, algumas metodologias utilizadas e contribuições teóricas que fundamentam estas práticas.

Palavras-chave: Adolescência, formação, acting out, repetição.

ABSTRACT

We describe the work of training, psychological evaluation and follow up of 14 and 15 year old candidates for a special moped friver's license. We discuss the philosophy of the program, some of the methods used and theoretical contributions that support them.

Key words: Adolescence, training, acting out, repetition.